

O PAPEL DAS JOIAS NA REPRESENTATIVIDADE DE GÊNERO

Ana Clara Ribeiro Romanello (PIBIC/CNPq/FA/Uem), Bruno Montanari Razza (orientador), Cristina do Carmo Lucio Berrehil el Kattel (Co-orientadora), e-mail: ra110157@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Tecnologia / Maringá, PR.

Ciências Sociais Aplicadas; Desenho Industrial [61200000]

Palavras-chave: Design de Joias, Gênero, Representatividade.

Resumo:

O mercado joalheiro sempre teve importante papel de representação social, seja destacando a área de formação da pessoa, seu status de relacionamento pessoal, fé religiosa, e mais recentemente, seu gênero social. Pessoas que não se consideram binárias (homem ou mulher), mas sim agêneros, transgêneros, gêneros fluidos, bigêneros, entre outros, são cada vez mais conhecidos e integrados nas sociedades ao redor do mundo. Esse novo contexto traz percepções quando se fala do uso de acessórios e joias em relação a performatividade e representação pessoal. As joias são usadas como veículo para performar o gênero de pessoas consideradas inclusas nos padrões sociais. O mesmo não acontece quando nos referimos a “novos gêneros”; há pouquíssimas peças ou criações diretamente ligadas a pessoas fora do sistema binário. A partir de revisão na literatura e abordagens com pessoas cis e não-binárias, foi possível entender de que forma o significado de cada adorno se constrói em relação ao usuário, revelando que cada percepção interfere no significado da joia usada. Percebeu-se com esta pesquisa que, de modo geral, há três concepções nos usos de joias por indivíduos não binários em relação com as joias: os que se sentem representados pela concepção feminina ou masculina das peças; os que as utilizam pelo valor estético, independentemente de seu significado; os que se sentem de fato representados quando suas bandeiras e símbolos são representados em joias.

Introdução

Várias esferas da vida no séc. XXI apresentam caráter político mais disseminado, o que se deve em partes permitido pelo fácil e rápido acesso a informação e contato com pessoas de modo global. Em cursos, rodas de conversa, aulas, livros, palestras, mídias sociais, entre outras discussões sobre feminismo e representatividade de gênero, são uma importante entrada para questionamentos sobre binarismos e como as pessoas que não

se encaixam nesse pensamento dualista são representadas perante várias questões (mídias, redes sociais, estudos, etc.). A partir do contato direto com estas plataformas é que surgiram questionamentos sobre o uso de adornos quando se fala de representatividade de pessoas que não se encaixam em sistemas binários (homem/mulher). Esse estado de não pertencimento a um sistema dualista vem de entendimentos de identidade de gênero, papel social, orientação sexual estática ou fluída (SCOT, 2016 *apud* CARDOSO, 2019).

Há empresas que produzem linhas de adornos voltados ao público LGBTQ+, mas sem descrições e definições quanto às questões simbólicas, ou detalhes sobre bandeiras usadas, cores, ícones, ou outros embasamentos que possam dar a essas produções significado e representação social ao público não binário que tem interesse pelo uso de adornos.

O objetivo desta pesquisa é apresentar discussão teórica sobre significação e representatividade a fim de auxiliar designers e outros profissionais no processo de criação de joias mais inclusivas para o público não-binário.

Materiais e métodos

A fase inicial contemplou o estado da arte e da técnica relacionado ao tema, o que se deu a partir da definição de *strings* de busca. As bases científicas utilizadas foram ScienceDirect, Catálogo de Teses e dissertações Capes, SciELO, Eric e BDTD e as de patentes foram o INPI e o USPTO. Não foram encontrados produtos ou materiais substanciais na literatura sobre o uso de joias, tanto por pessoas que se identificam como homem e mulher, quanto das que não se identificam como tal, de onde surgiu a necessidade de contato com o público por meio de abordagens.

Foi então disponibilizado na plataforma *Google Forms* formulário quantitativo piloto, enviado a apenas 15 pessoas para teste, abrangendo questões pessoais, como nome registrado e social, idade, renda mensal, estado e país de natalidade, grau de escolaridade, gênero, a perguntas sobre relações pessoais com peças de joalheria. O formulário foi aprimorado em relação à qualidade das imagens, adição de estilos de joias e também de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, visando contemplar os aspectos éticos fundamentais, e foi liberado para participação de forma aberta.

Devido à pouca adesão de pessoas não cisgêneras, foi realizada uma nova abordagem apenas com estas por meio das redes sociais *Facebook* e *Twitter*. Esse novo questionário contou com três perguntas curtas sobre joias e auto representação, e foram respondidas por cinco pessoas.

Resultados e Discussão

Participaram da abordagem quantitativa online 78 pessoas, dentre estas, 72,80% se encaixam no sistema dualista de gênero, enquanto 27,20% eram pessoas que não se denominam binárias. Optou-se por não se definir um público específico para essa participação, de modo a possibilitar uma comparação de representatividade e do uso desses adornos. No entanto, a porcentagem de pessoas binárias foi muito maior que a de pessoas não-binárias. Este fator impossibilitou que fosse realizada uma adequada comparação entre os gostos evidenciados, no entanto a pesquisa comprovou que existe um padrão de gostos construídos socialmente de joias direcionadas a um público que se identifica como masculino ou feminino.

Após criteriosa análise dos comentários dos participantes, percebeu-se a necessidade na mudança de rumo da pesquisa. O foco inicial era a busca por objetos representativos a pessoas não-binárias, e passou a ser o de produtos produzidos para um público específico binário, pois, apesar de cada época e contexto social ser capaz de alterar as concepções de design direcionado para o consumidor, existem traços que estão presentes em joias e adornos feitos para o público feminino e masculino que também podem ser uma forma de representar pessoas não binárias.

Para explicar melhor esta questão, é preciso levar em consideração que existem pessoas não-binárias que utilizam adornos considerados de homens ou mulheres, com o intuito de mostrar que o fato de não se encaixarem em um padrão cisgênero não os torna alheios ao que se considera feminino ou masculino, pelo contrário, mostra que a construção de um padrão para ambos os gêneros, considerados naturais por grande parte das pessoas, também pode ser uma forma de desconstrução de um padrão de gênero dualista.

O desenrolar do projeto mostrou que essas relações diretas entre a pessoa e o objeto, que é usado para uma construção de autoimagem, é muito mais forte que o esperado, de forma que pesquisas e formulários de forma isolada não são suficientes para provar ou demonstrar como essa representação acontece. Um novo questionário que foi realizado contou com três perguntas que abordaram as questões de gênero, representatividade e joias de forma conjunta e sucinta.

Percebeu-se que pessoas não-binárias possuem três diferentes opiniões sobre o uso das joias: enquanto existem pessoas que não se sentem representadas de nenhuma forma pelas joias usando-as somente como veículo de estilo do outro ponto de vista existem pessoas que usam de propósito as joias consideradas de homem/mulher cisgêneros por que mesmo não sendo cisgêneras se sentem representadas por esses traços femininos e masculinos, as vezes até mesmo simultaneamente ambos; também existem as que acreditam que o uso das bandeiras dos movimentos

LGBTQIA+ e ícones como feminino, masculino, agênero, bigênero, transgênero, etc é sim uma forma de representação válida.

Conclusões

Apesar de existirem artistas produzindo linhas de joias inspiradas em histórias e vivências de pessoas que se desconstroem diariamente por meio da arte, não existem marcas ou empresas que industrializem essas peças. Foi possível perceber entretanto que as joias se comportam na representatividade de forma muito singular: por um lado existem pessoas não-binárias que consideram o uso de símbolos e bandeiras uma representação suficiente bem válida; por outro, existem aqueles que defendem que o uso de acessórios somente toma valor a partir da experiência pessoal de cada um; e há ainda designers de joias e artistas se esforçando para alterar essa falta de aprofundamento semiótico joalheiro.

É importante reiterar que produções de peças com elementos de identificação não binária, quando não acompanhadas de explicação explícita sobre o uso de cores, bandeiras ou símbolos, podem ser vistas como apropriações culturais, banalizando o ideal de criação das peças. O mesmo acontece quando são projetadas e vendidas por marcas que, apesar de se dizerem engajadas no movimento LGBTQIA+, possuem histórico de preconceito ou nunca se pronunciaram para defender a causa. Apoiar e divulgar pequenos artistas que desenvolvem joias com repertórios pessoais e de lutas históricas em relação ao movimento de gênero são de uma forma de visibilidade e um ato importante quando se fala em representatividade.

Agradecimentos

À Fundação Araucária de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Paraná - FAPPR pelo aporte financeiro.

Referências

CARDOSO, Bruno Matos Cardoso. **A joia como reflexo social de gênero contemporâneo**: projeto e desenvolvimento de um sistema de brincos não-binários. 2018-2019. 267 f. Trabalho de conclusão de curso - Faculdade de Design de produto, Faculdade de Arquitetura, Porto Alegre, 2019.

INPI. **Instituto Nacional da Propriedade Industrial**. 2020. Sketchs Patente. Disponível em: <<https://www.inpi.gov.br>>. Acesso em: 19 ago. 2020.

USPTO. **United States Patents and Trademark Office**. 2020. Sketchs Patente. Disponível em: <<https://www.uspto.gov>>. Acesso em: 19 ago. 2020.